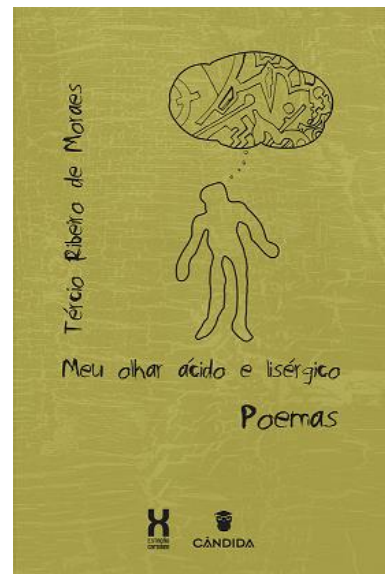


MORAES, Tércio Ribeiro de. *Meu olhar ácido e lisérgico*. Vila Velha; Vitória: Estação Capixaba; Cândida, 2018.

Rodrigo Leite Caldeira*



Tércio Ribeiro de Moraes nasceu em 23 de novembro de 1955, em Vitória (ES), e morreu, na mesma cidade, em 04 de maio de 2008. Estreou na literatura aos 14 anos com a peça infantil *No reino do rei reinante*, que teve montagens, por diferentes grupos teatrais, nos anos de 1970, 1980 e 1997.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Em vida, publicou somente *Poemas terceiros*, em 2001, de modo “artesanal” e com o apoio dos amigos, como o autor confidencia em matéria publicada em *A Gazeta* (MORAES, 2002) por ocasião do lançamento. Após a sua morte, o escritor Reinaldo Santos Neves organizou dois livros com seus poemas: *Também e sempre e antes e nunca* (2017) e *Meu olhar ácido e lísergico* (2018). Ambos, respectivamente, são os volumes 12 e 13 da Série Estação Capixaba, frutos da parceria editorial entre o site Estação Capixaba e a Editora Cândida, sendo que, o primeiro, foi publicado somente na versão digital e traz todo o conteúdo de *Poemas terceiros* mais uma parte de inéditos. Neste ponto, cabe destacar o trabalho desenvolvido pelo site Estação Capixaba no resgate e preservação da produção literária produzida no Espírito Santo. No caso específico de Tércio, é possível encontrar no portal desde cópias de manuscritos até a sua curiosa troca de e-mails com o escritor Reinaldo Santos Neves entre os anos de 2006 e 2008.

Em *Meu olhar ácido e lísergico* (2018), além da “Nota final”, Reinaldo Santos Neves assina a orelha e o livro conta, ainda, com uma apresentação feita por Eduardo Madeira. Esse cuidado editorial contribui para que leitores que se lançam pela primeira vez nos versos do poeta consigam alinhar melhor os poemas de “um dos mais singulares poetas capixabas”, nas palavras do próprio Reinaldo, que também observa serem estes poemas – assim como os publicados no livro anterior – “literalmente marginais, pois a doença (que o levaria ao suicídio) o pôs à margem da sociedade e, por conseguinte, à margem do convívio social e à margem do amor”. Segundo Neves, em razão do isolamento social advindo da aposentadoria precoce e de sua doença, “o que sobrou de Tércio foi o ser poeta”. Nesse sentido, para Reinaldo, sua obra poética é, portanto, seu testamento e seu testemunho, pois a poesia tornara-se para ele, “mais que uma razão para viver, um meio de dar sentido e expressão à sua vida e à sua doença”.

Esses pressupostos biográficos pendurados na orelha do livro são preciosos, pois ajudam o leitor a compreender um pouco melhor a estética da repetição de seus poemas, que estão, em sua maioria, alicerçados num olhar solitário para o mundo e, sobretudo, para a mulher, sua musa primeira.

A despeito da organização do livro em cinco partes – “Poemas (1978-86)”;
“Poemas sem data”; “Toda uma década (1990-99)”;
“Duas codas (2000 e 2008)”
e “Caderno de 1976” –, após uma primeira leitura tem-se a impressão de que todos os poemas versam sobre o amor, ou melhor: sobre o desejo de exercê-lo e a angústia de não alcançá-lo. Entretanto, em meio aos delírios e arroubos ritmados em versos terminados em “dor”, “amor” e “flor”, há poemas que se distanciam o suficiente da superfície abstrata de um coração partido para percebermos que, em meio à “dicção esquizofrênica” reinante, havia, também, um diálogo poético com certa tradição literária brasileira que, não fossem as perturbações de ordem psicossocial, talvez o autor poderia ter desenvolvido um projeto poético mais maduro, ou “mais bem resolvido em termos de poesia pela poesia”, como ele mesmo chamou a atenção ao diferenciar as três partes do livro *Poemas terceiros* na entrevista para o seu lançamento.

É, portanto, nessa direção que procurei guiar minhas outras leituras do livro, na busca por poemas que, mesmo que não fugissem conscientemente do olhar míope do poeta sobre sua musa, pelo menos sinalizavam um caminho poético mais preciso e digno de nota. Nesta caminhada, o primeiro elemento que surgiu foi a pedra. Esta imagem poética recorrente e que no Brasil assumiu feições quase míticas desde que Drummond a colocou, em 1928, nas retinas fatigadas do parnaso brasileiro e Cabral, em 1966, a retirou do sono de 1942, colocando-a na disciplina do fazer poético. Penso que a poética de Tércio tenha faltado às lições da pedra cabralina, no entanto, é possível traçar uma linha de leitura, a partir de alguns poemas desde livro, que nos levam a crer que no meio do caminho poético trilhado por Tércio havia um Drummond.

A pedra de Moraes aparece, pela primeira vez no livro, no poema “Montanha II” (2018, p. 16), em que a Montanha de Pedra dorme no peitoral da sua janela, “Rodeada de fios telefônicos/ A sonhar/ A pré-existência/ A flor-antes/ A sonhar o sonho/ Que havia/ Dentro da semente/ Antes de ser semente”. Este poema já deixa pistas para o tratamento poético que o autor empregará ao usar este elemento como figura de linguagem, qual seja, o de colocar o mineral num processo de transformação como se não fosse algo inanimado, mas que

estivesse, apenas, não-desperto, num sono profundo, esperando ser acordado. Como, por exemplo, no poema "A pedra vista da janela, e os homens (p. 22) em que "A pedra, enorme,/ Dorme seu sono quase eterno/[...] Dorme seu sono pesado de montanha/ Sono profundo de inocência de pedra" indiferente aos homens, "pequenos seres/ Que, apressados,/ Se movem em torno dela/ Construindo a civilização". É interessante observar o enredo que o autor constrói entre a pressa dos homens em construir a civilização e a inocência de pedra que, no contexto das grandes transformações civilizacionais, também pode ser entendido como um alerta àqueles que não se dão conta de quanta ruína foi deixada às margens no processo civilizatório. No poema seguinte, "O samurai se senta sobre a pedra", a "montanha de pedra" já não mais existe, como algo distante – observável do "peitoral da minha janela" – e nem mesmo com elemento maior que os homens – "pequenos seres" –, posto que o poeta-samurai, como na escultura de Rodin, a domina:

O samurai se senta sobre a pedra
Mãos no queixo
E não pensa
Nem canta
Sem desejo
Se deixa ali ficar
Como algo
Que não fosse ele (p. 31).

Ao contrário de "O pensador", de Rodin, o poeta-samurai "Não pensa/ Nem canta/ Se deixa ali ficar/ Como algo/ Que não fosse ele". Dado o suicídio de Tércio, não é difícil encontrar neste poema elementos que nos remetam ao tema. Seja pelo isolamento e um distanciamento de si mesmo, seja pelo eu lírico metamorfoseado em samurai, este personagem importante da história japonesa, comumente vinculado ao suicídio em razão do ritual Seppuku, vulgarmente conhecido no Ocidente por haraquiri. Reservado aos samurais, o Seppuku era visto como uma honra pois permitia que um indivíduo retirasse sua própria vida em lugar de ser executado como um criminoso comum. Para o samurai, a finalidade desta cerimônia era mostrar a sinceridade (*makoto*), que residiria nas vísceras, dentro do abdômen, e que teria relação com os conceitos de lealdade, honra, coragem e resistência (MOHOMED, 2012). No próximo poema, dando

continuidade à humanização da pedra, o samurai-poeta assume ser ele a própria “pedra ferida” que sangra – ou chora? – “água”:

(A pedra é ferida
Dela saí água)

Se me violento
É para te amar

(E quando me violento
Tenho essas palavras)

E o motivo da angústia está lá, fechando o quarto verso: o desejo de amar. O samurai-poeta, que luta a luta mais vã, com as palavras, começa a perceber que nem tudo são “flores” nesse querer constante e que a poesia também pode ser podre, como no poema “Amargo” (p. 63), que vem logo na sequência:

Malha de esgotos
Podre computador
Pedras podres

(Ah, palavra escrita...)

Esgotos
Masmorra
Marmorto
Mesmice
Mormaço

O meu estilo

(Esticar, comprimir,
Rasgar, costurar,
Romper, compor,
Quebrar, juntar

As palavras

Poesia

O meu estilo)

Novamente o poeta, no uso dos substantivos da terceira estrofe e nos verbos de ação da quinta estrofe, retoma, de alguma forma, o tema Seppuku, mas para, neste momento, dizer que se trata apenas do seu estilo de ser assim, “estranheiro”, como ele mesmo se define no belo poema “Quero não gostar” (p. 35):

Quero não gostar
 Não me envolver e ser
 Simplesmente
 Estranhamente
 O estrangeiro
 Mas não sou
 E o estrangeiro
 Solitário e forte
 – Ou o suficientemente forte, pra
 Agüentar sua solidão –
 É fruto de minha imaginação
 Ideal q. persigo –
 Talvez eu já seja bastante
 Estranho
 Talvez eu já seja um pouco
 O estrangeiro
 Que não conhece ninguém
 E que ninguém conhece
 A não ser uma pessoa ali
 Outra mais pra lá
 Alguém q. esqueceu de si mesmo –
 [...]

A “solidão de pedra” parece não ser “suficientemente forte, pra/ Agüentar sua solidão”. O *estranheiro* é, portanto, “alguém q. esqueceu de si mesmo”, em alguma medida, alguém que preferiu amar mais “o fruto” da imaginação ideal do que a si próprio, cometendo, não o pecado de Adão, mas o de Onan, como em “Desequilíbrio estável”:

Ah, Maria
 Ah, Joana
 Ah, Pedra

Por que me perturbam
 Por que me perturbo
 Em vos encontrar
 Se encontrar vos quero?
 E mais

E mais, e mais, e mais! (p. 104).

De repente, já não há mais distinção entre as musas dos poemas – Maria, Joana, Ana, Suzana, Beatriz, Cláudia, Bina, Renata, Luana – e a própria pedra-poema, que é desejada em ais perturbadores, mas que o poeta sempre quer “mais, e mais, e mais!”, pois sabe que não há remédio-poema para a pedra mais maciça de todas, “a pedra da solidão”:

INSÔNIA

Quantos cigarros fumo...
Quantos cafezinhos...
Quantos pensamentos,
Lentos planos de vida...
Nada disso dissolve
A pedra da solidão
(A ausência dela comigo
A ausência dele amigo) (p. 110).

Portanto, se o eu lírico preferiu ser “alguém q. já esqueceu de si mesmo” e o próprio poeta, ao cometer suicídio, também parece sugerir que o esqueçamos, resta-nos, enquanto leitores, honrar sua obra e sobre ela colocarmos nosso olhar crítico - se necessário ácido - para dissolver aos poucos as muitas pedras que compõem os poemas reunidos em *Meu olhar ácido e lisérgico*.

Referências:

MOHOMED, Carimo. A pureza do samurai: história e política no pensamento de Yukio Mishima. *História*, Franca, v. 31, n. 1, p. 121-144, June 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742012000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MORAES, Tércio Ribeiro de. “Poemas terceiros” já está à venda. *A Gazeta*, Vitória, 1. maio 2002. Disponível em: <http://www.estacaocapixaba.com.br/2017/12/tercio-ribeiro-de-moraes-repertorio.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

Recebida em: 7 de março de 2020.
Aprovada em: 24 de maio de 2020.